



Estratégias de organização e gênero em sistemas apícolas

Organizing strategies and gender in beekeeping systems

WOLFF, Luis Fernando¹; SCHWENGBER, José Ernani¹; GOMES, Gustavo Crizel¹; GOMES, João Carlos Costa¹

¹Embrapa Clima Temperado, luis.wolff@embrapa.br; crizelgomes@gmail.com; costa.gomes@embrapa.br

Resumo

O estudo identifica a organização e gênero em unidades de produção familiar e comunidades tradicionais da Metade Sul do Rio Grande do Sul, Brasil, em quatro grupos por meio de treze entrevistas abertas semi estruturadas e quatro dinâmicas participativas de grupo, com a evolução cultural e histórica no território. Desenvolvimento endógeno e inclusão definem processos participativos e coletivos de gestão dos bens de produção, com homens e mulheres assumindo diferentes papéis na transição para equidade nas relações sociais, econômicas e de gênero em sistemas de produção apícola.

Palavras-chave: mel; abelhas; mulher; agricultura familiar; comunidades tradicionais.

Abstract: The study identifies the organization and gender in peasant production units and traditional communities in the Southern of Rio Grande do Sul state, Brazil, in four groups by thirteen semi-structured interviews and four group participatory dynamics, each one with its own cultural and historical evolution in the territory. Endogenous development and inclusion define they different stages of the search for participatory processes and collective management of productive assets, with men and women taking on different roles in the transition to social, economic, and gender equity in beekeeping systems.

Keywords: honey; bees; woman; family farming; traditional communities.

Introdução

O estudo aborda identidade social, importância das articulações institucionais e gênero em quatro grupos de agricultores familiares e povos tradicionais em processo de desenvolvimento de sistemas agroflorestais com colmeias na Metade Sul do Rio Grande do Sul, Brasil, uma investigação sobre relações de grupos com bosques e abelhas, nativas e exóticas. A integração de abelhas e árvores nas unidades de produção mostra efeitos e desdobramentos ecológicos, econômicos e sociais favoráveis aos processos de transição agroecológica. As 'esferas produtivas domésticas' geram sabedoria e conhecimento local (CARRASCO, 2009). Na produção agrícola familiar mulheres desempenham papel estabilizador e central, mesmo que ignorado pela história oficial (ROCES e MONTIEL, 2010). O que ocorre no setor apícola. Gênero, organização e poder aparecem nos grupos estudados especialmente quanto ao reconhecimento do trabalho e a participação.



Metodologia

Foram selecionados quatro grupos de agricultores familiares participantes do 'Fórum de Agricultura Familiar da Região Sul do Rio Grande do Sul'. Cada grupo com sua evolução cultural e história no território: - indígenas guaranis em Barra do Ribeiro (aldeia 'Coxilha da Cruz'); - de quilombolas afrodescendentes em Canguçu (quilombo 'Cerro das Velhas'); - unidade de produção familiar em Pelotas (família Schiavon); e - de assentados da reforma agrária, em Hulha Negra (assentamento 'Conquista da Fronteira'). Foram conduzidas treze entrevistas abertas semi estruturadas e quatro dinâmicas participativas de grupo (DOSSA e VILCAHUAMÁN, 2001; ALBERICH *et al.*, 2009). Além dos agricultores, também foram ouvidos técnicos envolvidos no estudo, comum a todos é o desenvolvimento de sistemas agroflorestais com a presença de colmeias.

Resultados e discussões

Os indígenas guaranis estudados estão organizados em algumas 'famílias estendidas', um chefe político e um espiritual. A organização espacial interna é determinada por afinidade e consangüinidade. Cada família estendida é formada pelo casal, filhas, genros e netos, constituindo unidade de produção e consumo típica. Cada área de cultivo pertence às famílias elementares, ou seja, à filha e seu esposo a partir do momento que têm seu primeiro filho. Realizam trabalhos em mutirão entre as famílias. Quanto ao mel, além da alimentação, é usado em alguns rituais religiosos, como descreveu um dos indígenas: ritual "para saber o destino e o nome dos meninos". O mel é colocado em uma taquara comprida. Posteriormente o pajé reza suas orações e "conversa com os espíritos" para fazer interpretações. Para essa e outras práticas, inclusive medicinais, os indígenas consideram o mel de abelhas sem ferrão, por eles chamadas de "nossas abelhas", o adequado. Ao prevalecerem as relações de parentesco e filiação na organização social, os indígenas necessitam convivência constante e repetida entre as pessoas das aldeias. Na aldeia 'Coxilha da Cruz' o aporte social e o trabalho das mulheres estão presentes, protagonizando a manutenção da vida e dos processos de produção, como destacam Pascual-Rodríguez e Herrero-López (2010), em muitos lugares do mundo e ao longo da história. Na divisão de tarefas entre homens e mulheres indígenas, normalmente não há diferencia na atribuição de



responsabilidades (GRUBITS *et al.*, 2005), porém é habitual que a atuação política das mulheres na aldeia só se manifeste na ausência dos homens.

Os afrodescendentes quilombolas formam um grupo comunitário, a 'Associação Quilombo Cerro das Velhas' onde trabalham articulação regional com outras comunidades na busca de formas próprias de organização e representação social. Por meio da Associação participam de experiências, oficinas e eventos, onde vendem seus artesanatos de palha de milho, de tecidos e de materiais reciclados. A Associação se converteu numa estrutura sociopolítica fundamental de instrumentalização, inclusive no processo de auto identificação como 'quilombolas', ainda em elaboração. Já não trabalham mais com abelhas melíferas africanizadas, apenas com abelhas sem ferrão, argumentando que as primeiras "não gostavam deles". O sentimento de 'pertencimento' ao lugar onde vivem é associado a "seus antepassados", as quais "devem preservar". Aqui aparece a 'ética do cuidado', apontada por Siliprandi (2013), García-Roces e Soler-Montiel (2010) e Carrasco (2009), ancorada na 'racionalidade ambiental' associada ao trabalho das mulheres. Além do âmbito doméstico e da produção, as quilombolas do Cerro das Velhas participam de ações governamentais dirigidas às mulheres negras e de outras originadas na comunidade. Formam o 'Grupo de Mulheres Sempre Unidas Venceremos', onde se organizam, dialogam, participam de oficinas, de eventos coletivos, com ênfase nas atividades produtivas.

Entre os agricultores familiares estudados existe a idéia de que participação ativa em associações comunitárias e cooperativas é forma importante de organização e apoio, possibilitando crescimento e autonomia como coletividade, além de ser favorável para ingressos e estabilidade econômica. Segundo seus relatos, "com a organização, temos muitas vantagens, individuais e coletivas". Várias das atividades agrícolas são compartilhadas entre homens e mulheres, ou se dividem de acordo com as aptidões e interesses. Os espaços privados de produção, assim como espaços públicos de comercialização em feiras e eventos, são compartilhados entre o casal, mas as atividades de economia doméstica e cuidados da família estão sob responsabilidade das mulheres, mães, avós e filhas. A vida requer recursos materiais, depende de contextos e relações de cuidado e afeto. O mel também está conectado à 'economia de âmbito doméstico' (GARCÍA-FRÍAS, 2005), vinculado à manutenção e reprodução familiar. A maior parte do mel é consumido em casa. O restante é comercializado nas feiras, o que "atrai clientes e reforça a



credibilidade com os consumidores". Ao focar a produção para atender necessidades alimentares, estimulam a diversidade produtiva e o valor a produção doméstica.

Entre os assentados estudados, fundos do Governo para a Reforma Agrária atingiu a economia regional, rompendo em parte com padrões tradicionais da atividade pastoril e das relações de poder e organização social. A cooperação política e a produtiva aparecem como dinâmicas positivas para a 'transição social agroecológica' onde assentados, por meio de ações coletivas desenvolvem e rompem a histórica marginalização social e econômica. A participação das mulheres no trabalho não aparece explícita nas famílias estudadas, apesar de intensa e importante, especialmente pela sua opção pela agroindústria e pelo mel. Muitas atividades manuais na apicultura exigem atenção, higiene e qualidade na execução. Mesmo assim, o trabalho familiar doméstico também aqui declina na clássica 'invisibilidade social' das mulheres (HECHT, 2007; CARRASCO, 2009). No caso do mel, cuidados com higiene e eficácia do processamento agroindustrial são fundamentais. Tais características estão culturalmente associadas às mulheres e aos trabalhos domésticos, mesmo entre os assentados. Consideram que nos apiários as atividades são menos cuidadosas ou delicadas, antes disso, "sujas e pesadas". O trabalho na 'sala de mel', por outro lado, "exige higiene e cuidado no detalhe", num trabalho judicioso, intenso, no qual está envolvida toda a família, homens e mulheres, jovens e idosos.

Conclusões

Nos grupos estudados abundam relatos sobre a importância das estratégias de apoio mútuo e busca por autonomia com participação social. Tratam de encontrar espaços coletivos para satisfazer necessidades: às vezes buscando mercado para seus méis e conhecimentos para melhorar a gestão mantendo a identidade, como é o caso dos assentados da reforma agrária e dos agricultores familiares, outras vezes buscando articulação política, reconstrução e defesa de estruturas e conhecimentos ancestrais, como é o caso de indígenas guaranis e de quilombolas. Com base no desenvolvimento endógeno e na inclusão, cada grupo luta por processos participativos e coletivos de gestão dos bens de produção, onde membros dos grupos, homens e mulheres, assumem papéis de protagonismo na transição para a equidade nas relações sociais, econômicas e de gênero. A adesão pela Agroecologia contribui para a igualdade de gênero.



Referências bibliográficas:

ALBERICH, T., ARNANZ, L., BASAGOITI, M., BELMONTE, R., BRU, P., ESPINAR, C., GARCIA, N., HABEGGER, S., HERAS, P., HERNÁNDEZ, D., LORENZANA, C., MARTIN, P., MONTAÑES, M., VILLASANTE, T. R., TENZE, A. Metodologías participativas: manual. CIMAS: Madrid, 2009. 75 p.

CARRASCO, C. Mujeres, sostenibilidad y deuda social. Revista de Educación, número extraordinario p. 169-191. 2009.

DOSSA, D., VILCAHUAMAN, L. J. M. Metodologia para levantamentos de dados em trabalhos de pesquisa ação. Embrapa Florestas: Colombo, 2001. 67p. . (Embrapa Florestas. Documentos, 57).

GARCÍA-FRÍAS, Z. La igualdad de género y la agricultura en la época de la globalización económica. In: Land Reform, Land Settlement and Cooperatives. FAO, n. 2 p. 40-48, 2005.

GARCÍA-ROCES, I., SOLER-MONTIEL M. Mujeres, Agroecología y Soberanía Alimentaria: reflexiones a partir del proyecto ACS-Amazonía en la comunidad Moreno Maia en el estado de Acre en Brasil. VIII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural ALASRU 15-19 noviembre, 2010. Porto de Galinhas, 2010.

GRUBITS, S., DARRAULT-HARRIS, I., PEDROS, M. Mulheres indígenas: poder e tradição. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 3, p. 363-372, set./dez. 2005.

PASCUAL-RODRÍGUEZ, M., HERRERO-LÓPEZ, Y. Ecofeminismo, una propuesta para repensar el presente y construir el futuro. *Boletín ECOS* 10. 2010

ROCES, I. G., MONTIEL, M. S. Mujeres, Agroecología y Soberanía Alimentaria: reflexiones a partir del proyecto ACS-Amazonía en la comunidad Moreno Maia en el estado de Acre en Brasil. *Revista Investigaciones Feministas* 1. 2010.

SILIPRANDI, E.. Soberanía Alimentaria y Ecofeminismo. In Cuéllar, M., Calle, A. and Gallar, D. (ed.) Procesos hacia la soberanía alimentaria. Perspectivas y prácticas desde la agroecología política. Icaria, Barcelona. 2013.